

AS LUZES DA CIVILIZAÇÃO: ROUSSEAU E VOLTAIRE, DA LINGUAGEM FICCIONAL À INTERPRETAÇÃO DO MUNDO HISTÓRICO*

Renato Moscateli

As Luzes da civilização é o resultado do desejo de contribuir duplamente para o aprimoramento da compreensão sobre os textos de Rousseau e de Voltaire: por um lado, salientando as idiosincrasias e as especificidades da obra individual de cada um e, por outro, não somente tomando os dois escritores de forma isolada, mas também os confrontando como co-participantes do Iluminismo, um movimento intelectual que colocou em pauta uma série de questões fundamentais que os filósofos setecentistas procuraram debater. Assim a dissertação se ocupa, sobretudo, das idéias a respeito do tema que se constituiu em uma das pedras angulares do pensamento iluminista: a civilização. Correlata de palavras como progresso e esclarecimento, sinônima de polidez e refinamento, oposta, enfim, à barbárie e à selvageria, a civilização perpassou os debates nos salões da França setecentista, as discussões nos gabinetes dos administradores do reino, bem como o conteúdo das inúmeras obras escritas pelos adeptos das Luzes. A polissemia do termo foi acentuada ainda mais pelos diferentes sentidos atribuídos a ele no interior desses ambientes, pois a crítica da civilização não se fez em direção a um consenso final, mas deu origem a interpretações diversas e às vezes conflitantes. Neste sentido, comparar as concepções sobre a civilização de indivíduos tão díspares como Rousseau e Voltaire permite adentrar esse campo de significados por uma via privilegiada, rumo à compreensão de algumas questões basilares do universo intelectual do Iluminismo.

Optou-se, neste trabalho, por privilegiar o estudo das obras literárias de Voltaire e de Rousseau, o que se justifica pelo fato de que essas fontes apresentam ao pesquisador uma riqueza de possibilidades que, geralmente, os outros tipos de documento não trazem. Isto é verdade especialmente em se tratando da literatura produzida no Iluminismo, a qual transcendeu os limites da arte para se tornar, ao mesmo tempo, um espaço de debates, um instrumento pedagógico e uma arma política, sem perder com isso sua característica última de obra de arte. Certamente, os textos literários não foram

* Dissertação de mestrado defendida em outubro de 2002, junto ao Programa Associado de Pós-Graduação em História UEM/UUEL.

as fontes exclusivas da pesquisa, uma vez que muitas questões demandaram o complemento indispensável da análise dos trabalhos filosóficos, históricos e políticos propriamente ditos dos dois escritores. Entretanto, a própria constituição da literatura de ambos facilitou a intertextualidade com o restante de suas obras, pois ela atravessa facilmente os campos da filosofia, da História e da política, e, deste modo, sempre se teve em vista o conjunto da produção dos autores quando cada uma das fontes foi analisada.

Para melhor atingir seus fins, o desenvolvimento de *As Luzes da civilização* foi dividido em quatro capítulos. O primeiro deles, *Leitura e literatura*, possui um duplo objetivo. Inicialmente, ele trata dos aspectos teóricos e metodológicos que fundamentaram as análises das fontes utilizadas na pesquisa. Em seguida, essas discussões foram complementadas pela apresentação de Voltaire e Rousseau como escritores e como sujeitos inseridos em determinadas configurações sociais, de modo que suas respectivas carreiras literárias pudessem ser vistas em relação com a sociedade francesa do século XVIII. O conhecimento inicial de suas produções artísticas viabilizou, nos capítulos posteriores, a abordagem das diferenças e das semelhanças nas opiniões dos dois filósofos, e isto de acordo com os princípios do tipo de história das idéias que se propõe aqui, os quais têm nas reflexões de Lucien Goldmann e de Pierre Bourdieu suas referências principais.

O segundo capítulo, *Reavaliando a conquista do mundo histórico: tempo, progresso e civilização no Iluminismo*, começa a trabalhar com o tema da civilização relacionando-o ao do progresso. Dado que essas questões estão intimamente ligadas entre si dentro de uma certa concepção de tempo e de uma determinada forma de encarar a história no Iluminismo, o capítulo faz, de início, uma breve genealogia da idéia de progresso. Primeiramente, tal discussão gira em torno da “essência” do próprio tempo, usando, sobretudo, as reflexões de Norbert Elias para explicitar o caráter simbólico do tempo e sua constituição como um processo social de aprendizagem. Logo depois, busca-se mostrar como as diferentes formas de cronologia adotadas pelo homem ao longo da História correspondem cada qual a uma dada configuração social, sendo que a noção de tempo linear e progressiva, própria do Iluminismo, fazia parte do habitus da sociedade moderna em gestação no interior do Antigo Regime. Tudo isto leva à análise das concepções de tempo e de História das Luzes nas vertentes interpretativas de Rousseau e de Voltaire, análise a partir da qual as características gerais, bem como as limitações e contradições do pensamento sobre o progresso e a civilização no século XVIII, podem ser discutidas.

O terceiro capítulo, *Paris no século XVIII: o espetáculo da civilização*, é centrado nos sentidos de polidez e refinamento dos hábitos e da sensibilidade dos quais a idéia de civilidade, como sinônimo de civilização,

estava imbuída. Para isto, escolheu-se enfocar um local-chave onde tal abordagem se desenvolverá: Paris. Talvez muito mais do que qualquer outro lugar da França, e mesmo da Europa, a Paris do século XVIII tornou-se um palco privilegiado onde as forças do Antigo Regime e as tendências da Modernidade confrontavam-se, gerando diversas conseqüências no interior da sociedade. Tendo isto em vista, o capítulo trata justamente de discutir como esse processo afetou os parisienses, seus costumes e sua percepção do mundo, salientando-se as transformações pelas quais a cidade estava passando, especialmente o considerável crescimento urbano no século em questão, fato que provocou a necessidade de reformulação dos “códigos de crença” e de apresentação pessoal no domínio público. Assim, a análise de textos de Rousseau e de Voltaire possibilita perceber como os dois autores encararam o modo de vida parisiense e escreveram sobre ele em suas obras literárias. Considerando-se as experiências próprias de cada um deles nos círculos culturais e sociais da capital, é interessante confrontar suas representações a fim de que as diferenças e semelhanças entre elas possam ser visualizadas e problematizadas. O artifício literário do estranhamento dos personagens diante de uma realidade desconhecida – que tanto Voltaire quanto Rousseau utilizaram em suas obras – propicia não apenas uma descrição desse mundo relativamente “exótico”, mas também uma possibilidade de crítica ao Outro em função de valores tidos como mais corretos. Desse modo, o capítulo é uma exploração de Paris que segue o itinerário dos personagens-viajantes que a visitaram e julgaram – suas tradições e sua modernidade – de acordo com seus pontos de vista peculiares.

O quarto e último capítulo, *As origens e os fundamentos da autoridade entre os homens: civilização e política*, complementa os anteriores ao abordar a cultura política do Antigo Regime. Neste sentido, o funcionamento da monarquia absolutista é estudado, evidenciando-se o caráter da autoridade neste tipo de Estado e sua relação com a sociedade. A análise das obras de Voltaire e Rousseau nos permite perceber como os dois autores visualizavam os fundamentos do poder em geral, assim como o caso específico da monarquia absoluta. Tratando o Estado tanto como um produto da civilização quanto como um agente civilizatório em potencial, os dois filósofos defenderam a necessidade de reformas na estrutura política dos governos existentes em sua época para torná-los mais eficientes e eliminar a barbárie que ainda persistia em suas práticas. Deste modo, tal análise explícita o conteúdo crítico das propostas políticas de ambos os escritores, cujos ataques – via literatura – ao poder estabelecido tinham em mira não apenas a dessacralização da figura do rei – e por extensão, da aristocracia –, mas igualmente a formação de regimes de governo inspirados nos princípios racionais e éticos do Iluminismo.

